DIÁRIO *de bordo*



Défi Blé

ROBERTO RODRIGUES

Nos dias 22 e 23 de outubro passado, a Associação de Cerealistas da França (France Cerealiers) realizou em Paris um impressionante congresso, ao qual acorreram 1.500 pessoas, das quais quase 3 centenas de autoridades estrangeiras. Políticos franceses e europeus vieram prestigiar o evento, que teve mensagem do presidente Chirac. É claríssimo o poder político dos agricultores franceses, obtido através de inteligentes alianças com os demais setores do agribusiness e também com a mídia.

O evento, chamado Défi Blé, quadrienal, discutiu o futuro da produção de grãos na França, na Europa e no mundo, suas implicações com a alimentação dos animais e a multifuncionalidade da agricultura. Neste caso particular, e como a ênfase foi para o trigo, até aplicações de subprodutos deste cereal no embelezamento humano foram apresentadas.

Vale a pena ressaltar alguns pontos:

O primeiro deles se refere ao discurso de abertura, pronunciado pelo economista norte-americano Lester Brown, presidente do Worldwatch Institute, em que apresenta sua visão sobre o comportamento dos preços agrícolas no futuro. Brown acredita que a produção de alimentos crescerá menos do que o crescimento populacional no mundo, durante os próximos 20 anos, e, com isto, a tendência é de crescimento dos preços das principais *commodities*.

Sua posição é oposta à de um estudo feito pela FAO, segundo o qual ocorrerá exatamente o contrário, isto é, os preços cairão porque a oferta de produtos agrícolas será maior que a atual, *per capita*.

Brown critica duramente o estudo da FAO, argumentando que seus economistas só projetaram dados com base em números frios de estatísticas, sem considerar aspectos de caráter sociológico e tecnológico importantes. Ele baseia sua opinião em três argumentos principais.

O primeiro é que a terra ainda agricultável no mundo, e não ocupada, é pouca, a que existe é de baixa fertilidade e carece de infra-estrutura e logística que viabilizem a comercialização competitiva dos produtos agrícolas. Chegou a citar a fronteira agrícola brasileira como exemplo.

O segundo é a diminuição da oferta de água para fins agrícolas, sobretudo para irrigação. O argumento está lastreado no crescimento da demanda de água pelos crescentes centros urbanos em todo o mundo, além da poluição de reservas subterrâneas. Também a diminuição dos lençóis freáticos na Ásia (como o exemplo da Índia) foi citado, embora as enchentes recentes da China contradigam o argumento.

E o terceiro é mais sofisticado. Brown acredita que já chegamos a padrões tecnológicos tão desenvolvidos na agricultura que os níveis de produtividade média mundial não crescerão muito mais no futuro próximo. Diz que o grande salto da produtividade já foi dado nas últimas duas décadas.

A tese do economista é discutível. Terra agricultável existe, e é bastante. É verdade que está concentrada na América do Sul (sobretudo no Brasil) e na África (onde as tecnologias ainda tardarão um pouco para chegar). Mas só na América do Sul temos pelo menos mais 200 milhões de hectares para ocupar.

Além disto, nossos níveis de produtividade ainda podem crescer muito, sobretudo com o advento da biotecnologia aplicada à agricultura.

O problema de água é real, e é grave, mas parece a única limitante poderosa à produção crescente, sobretudo nos países que não podem fazer agricultura sem irrigação. Também o assunto infra-estrutura é sério, porque não se resolve de um dia para o outro, mas tem soluções conhecidas, dependendo apenas da vontade política dos governos e iniciativas do setor privado.

Assim, ao que parece, os argumentos de Lester Brown são passíveis de discussão. Mas governos responsáveis, como o japonês, apostam em suas conclusões e estão se preparando para organizar parcerias internacionais que lhes garantam segurança alimentar no futuro.

Vale a pena ficar atento ao processo.

Um segundo assunto, muito polêmico, foi a utilização de Organismos Geneticamente Modificados, os famosos e controvertidos GMOs. Participei do painel de encerramento do Défi Blé, em que esta questão dominou as discussões. O governo brasileiro recentemente autorizou o uso de sementes transgênicas e empresas gigantescas como a Novartis e a Monsanto, entre outras, se preparam para ocupar o nosso mercado, considerando que ele pode chegar a 40% da América Latina.

Vamos usar isto ou não? Parece que a resposta depende do comportamento dos consumidores. Não adianta produzir o que o mercado não quer. Mas o mercado não é só uma questão de oferta e procura. Fatores psicossociais o influenciam fortemente, e devemos, neste caso, olhar bem os reflexos dos GMOs sobre a saúde pública, o que obviamente é considerado pelo mercado com muita precaução.

As informações disponíveis vão na direção de que não há nenhum problema neste campo. Mas é preciso que as empresas produtoras de organismos modificados façam cabais esclarecimentos científicos e práticos sobre a matéria, para acabar com a desconfiança, onde houver. Caso contrário, este instrumento pode não evoluir.

Por outro lado, está evidenciado que os GMOs produzem mais barato, seja por causa do aumento da produtividade seja por causa da redução dos custos da aplicação de insumos. Aqui, sim, o mercado precisa responder: se produz-se mais barato com GMO, todo mundo vai usá-los; precisa usá-los. A menos que os consumidores se disponham a pagar por produtos não-modificados um pouco mais, e que compense as perdas nos custos.

É, de certa forma, o que já acontece com produtos orgânicos, ou "verdes", em vários países.

De novo, é um assunto que demanda muita atenção, porque dele pode depender nossa competitividade, tanto em nível de mercado interno, quanto externo.